

O TERRITÓRIO LÍRICO DE AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA

Mario Cesar Newman de Queiroz (FIOCRUZ)

mcnqsofocles@terra.com.br

Ser de uma geração para a qual Aurélio é sinônimo de Dicionário, e diremos sempre dicionário com maiúscula, significa em parte que Aurélio Buarque de Holanda Ferreira obteve em vida largo reconhecimento por seu trabalho. O que é muito diferente dos fantasmas que rondam a cabeça de um intelectual que intenta uma empresa grandiosa como a elaboração de um dicionário, como ficou enunciado na apresentação de seu Novo Dicionário da Língua Portuguesa com relação aos dicionaristas do primeiro dicionário da Língua Portuguesa (1793), o da Academia das Ciências de Lisboa – que extinguiu as forças físicas dos seus três elaboradores e ficou na memória do povo apenas como motivo de zombaria, pois ficou interrompido na letra A, tendo como último verbete o verbo “azzurrar”. Contudo, dissemos que obteve largo reconhecimento “em parte”, porque, passados alguns anos de sua morte, a face multiforme das preocupações intelectuais de Aurélio Buarque de Holanda tende a ficar ofuscada pela do famoso dicionarista. Como se esse autodidata de sucesso fosse importante apenas por essa que acabou sendo a face mais evidente. Ao lado do lexicógrafo, dicionarista, encontramos também o poeta, o prosador, o tradutor de contos e poesia, o historiador de literatura, o ensaísta. Lembrar da importância do ensaísta Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e empreender uma, ainda que breve, reflexão sobre o seu livro Território Lírico é o que intentamos realizar nesse momento oportuno.